

ECONOMIA

A farra dos importados

Compras externas disparam e país tem no semestre pior saldo comercial em 8 anos

Eliane Oliveira
BRÁSILIA e RIO

Mesmo com um dia útil a mais (123) do que no período anterior, a balança comercial do primeiro semestre de 2010 registrou superávit 43,7% menor do que nos seis primeiros meses de 2009. A diferença entre exportações e importações de janeiro a junho deste ano foi de US\$ 7,887 bilhões, ante US\$ 13,907 bilhões ano passado, o pior resultado desde 2002, quando foi contabilizado saldo negativo de US\$ 2,618 bilhões. O forte aquecimento do mercado interno, ajudado pelo real valorizado frente ao dólar, fez os gastos no exterior, principalmente de bens de consumo, explodirem, batendo recorde histórico.

— O aumento das importações de bens de consumo está bastante ligado ao aquecimento da economia brasileira — comentou o secretário-adjunto de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Fábio Faria.

O total importado de janeiro a junho de 2010, de US\$ 81,302 bilhões e média diária de US\$ 661 milhões, teve acréscimo de 43,9% em relação ao montante apurado no primeiro semestre de 2009. As compras externas de bens de consumo duráveis aumentaram 49%, com destaque para os automóveis, que registraram alta de 72,3%, e os eletrodomésticos, com 122%. Os gastos com bens de capital subiram 26,2%; matérias-primas, 42,8%; e combustíveis e lubrificantes, 65%.

As aquisições de produtos chineses aumentaram 57,7% no semestre. Só no mês passado, as importações da China subiram nada menos do que 83,7%, em comparação a junho de 2009. Destacaram-se eletroeletrônicos, químicos, siderúrgicos e instrumentos de ótica e precisão. Já as vendas brasileiras caíram 2,9% para o país asiático e 5,5% para a África — mercado disputado por brasileiros e chineses. A China comprou menos aviões, soja e celulose do Brasil.

Por outro lado, as exportações no primeiro semestre de 2010, de US\$ 89,189 bilhões e média diária de US\$ 725,1 milhões, aumentaram bem menos: 26,5%. A taxa, porém, é superior à projeção de crescimento para o comércio mundial em 2010 (16%). Fábio Faria disse que houve recuperação das vendas brasileiras de manufaturados para América Latina e Caribe.

O aumento da participação desses dois mercados na pauta brasileira foi de 21% para 24%. Além disso, ainda não há efeito da crise europeia nas exportações brasileiras.

Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), os veículos importados já respondem por 18% do mercado brasileiro e 60% das compras são de países com os quais o Brasil tem tarifa zero de importação: México e Argentina.

— As importações estão bombando não só por causa de nosso mercado. O câmbio está facilitando e incentivando enormemente a compra de eletroeletrônicos, componentes e produtos acabados. Enquanto não houver medidas compensatórias, devemos continuar tendo saldo

extremamente negativo — previu o presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee), Humberto Barbató.

A estimativa da Abinee é de déficit de US\$ 25 bilhões este ano no setor eletroeletrônico. Em 2009, o saldo ficou negativo em US\$ 17 bilhões.

Para o vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, apesar do superávit fraco, há uma relação "mais ou menos equilibrada" do comércio brasileiro este ano ante o que se viu no primeiro semestre de 2008, antes da crise global.

— Em termos de valores, a exportação não está tão ruim, embora a balança esteja sendo sustentada, principalmente, por soja, minérios e petróleo — disse Castro.

Os destaques nas vendas externas brasileiras foram máquinas e aparelhos de tertraplanagem, veículos de carga, óleos combustíveis, automóveis, minério de ferro, carnes bovina e de frango, óleo de soja e celulose.

Economista alerta para dependência externa

• Para Roberto Padovani, economista do banco WestLB, a disparada das importações é um sinal claro de que a economia brasileira está superaquecida, ou seja, cresce acima do que é capaz sem gerar desequilíbrios.

— O Brasil precisa recorrer cada vez mais ao exterior para se abastecer. Não consegue produzir o que precisa. E isso tem dois efeitos: mais inflação e aumento da importação.

O Brasil cresceu 9% no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2009. Para Padovani, o país pode crescer entre 4,5% e 5% sem produzir desequilíbrios.

Luís Otávio Leal, economista do Banco ABC Brasil, acrescenta que o tombo no superávit comercial vai piorar o déficit em conta corrente do país, o que torna o Brasil mais dependente do humor do financiamento externo:

— Se essa conta não for equilibrada, o real pode se desvalorizar ou BC terá que usar reservas internacionais para tapar o buraco.

No mês passado, o Brasil exportou US\$ 17,095 bilhões (média diária de US\$ 814 milhões) e importou US\$ 14,517 bilhões (média diária de US\$ 706,6 milhões), resultando no superávit de US\$ 2,278 bilhões. Sobre junho de 2009, as exportações subiram 18,2% e as importações, 50,2%. O saldo comercial diminuiu 50,5%.

De janeiro a junho deste ano, a China liderou a lista de principais mercados compradores de produtos brasileiros, com destaque para soja, petróleo, óleo de soja, couros e peles, aviões e açúcar. Os Estados Unidos ficaram em segundo. No mesmo período, o maior mercado fornecedor para o Brasil foram os EUA, com bens de capital, diesel, carvão, químicos, eletroeletrônicos, plásticos e produtos farmacêuticos.

COLABOROU: Bruno Villas Bôas

O TOMBO NO SUPERÁVIT



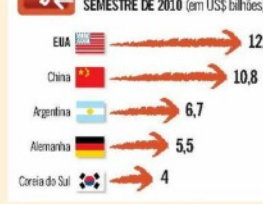
EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA EM 2010



PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO 1º SEMESTRE DE 2010 (em US\$ bilhões)



PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO 1º SEMESTRE DE 2010 (em US\$ bilhões)



FORNTE: Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siccomex)

Indústria estagnou em maio

Taxa de investimentos deve atingir 19,4% do PIB, diz CNI

Fabiana Ribeiro, Eliane Oliveira e Martha Beck

• RIO e BRÁSILIA. Para surpresa dos analistas, a produção industrial permaneceu estagnada de abril para maio, apontou o IBGE. Mas, frente à maio de 2009, o setor cresceu 14,8%. No ano, a expansão também foi de dois dígitos, de 17,3%. Em 12 meses, o avanço fora de 4,5%, no melhor desempenho desde novembro de 2008. Para os analistas, o dado não aponta para uma trajetória de forte desaceleração da atividade nos próximos meses e nem para mudanças no rumo da política monetária do Banco Central (BC).

De 16 atividades, 11 recuaram em maio. As maiores pressões negativas vieram de refino de petróleo e álcool (-4,6%), por causa de paralisações em refinarias; e alimentos (-1,7%), após alta de 8,3% nos últimos quatro meses. Já os impactos positivos saíram de bebidas (4,8%), material eletrônico e de comunicações (6,1%).

— Não fica configurado um arrefecimento: há setores em crescimento. Pode-se pensar em acomodação ou ritmo menos acentuado — afirmou André Macedo, economista do IBGE.

Para Luís Otávio Leal, economista do banco ABC Brasil, o desempenho pode ser "mais um ponto fora da curva do que uma prova cabal de desaceleração". Já, na opinião de Eduardo Velho, da Prosper Corretora, os números apontam para "uma pequena desaceleração" — ainda que o nível da atividade esteja próximo do recorde.

— Não há espaço para quedas na curva curta de juros: o viés do crescimento, a despeito da desaceleração em curso, ainda é elevado — disse Velho, para quem o nível de crescimento

da produção e o PIB avançam acima do seu potencial, o que não é sustentável.

A equipe econômica considerou a estabilidade mais um reforço de que não há superaquecimento da economia. Segundo técnicos da área econômica, após aumento de 2,7% no Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre, o segundo trimestre deve ter alta de 0,8% a 1,1%.

— A tese do superaquecimento já ficou velha — disse um técnico, acrescentando que, caso a economia cresça em torno de 0,8% por trimestre até o fim do ano, o PIB fica próximo de 7%.

No ano, vendas de veículos batem recorde e avançam 9% sobre 2009

Mas as vendas de carros volta a aquecer. Dados das montadoras mostram que as vendas de veículos subiram 4,7% em junho, frente ao mês anterior. Foram vendidas 262.776 unidades, contra 251.087 em maio. No ano, foram 1.579.713 veículos, um recorde que representa alta de 9% sobre o primeiro semestre de 2009. A indústria prevê crescimento de 8% no ano.

Os investimentos vão aumentar 24,5% este ano, atingindo 19,4% do PIB, a mais alta desde os anos 70, quando a média era de 20% do PIB, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI) — que reviu para cima projeções de seus principais indicadores. Acompanhando o BC, a CNI prevê aumento de 7,2% do PIB em 2010, enquanto a produção industrial crescerá 12,3%.

— Fecharemos 2010 com uma taxa de aumento dos investimentos superior a 2008 (18,1% do PIB) — disse Carlos Castelo Branco, economista-chefe da entidade. ■

Com a conta única do HSBC, sua empresa tem mais facilidade